

## DOMINGO XIV DO TEMPO COMUM

### CIC 541-546: o Reino de Deus está próximo

- 541** «Depois de João ter sido preso, Jesus partiu para a Galileia. Aí proclamava a Boa-Nova da vinda de Deus, nestes termos: “Completo-se o tempo e o Reino de Deus está próximo: convertei-vos e acreditai na Boa-Nova!”» (*Mc* 1, 14-15). «Por isso, Cristo, a fim de cumprir a vontade do Pai, deu começo na terra ao Reino dos céus»<sup>1</sup>. Ora a vontade do Pai é «elevator os homens à participação da vida divina»<sup>2</sup>. E fá-lo reunindo os homens em torno do seu Filho, Jesus Cristo. Esta reunião é a Igreja, a qual é na terra «o germe e o princípio» do Reino de Deus»<sup>3</sup>.
- 542** Cristo está no centro desta reunião dos homens na «família de Deus». Reúne-os à sua volta pela sua palavra, pelos seus sinais que manifestam o Reino de Deus, pelo envio dos discípulos. E realizará a vinda do seu Reino sobretudo pelo grande mistério da sua Páscoa: a sua morte de cruz e a sua ressurreição. «E Eu, uma vez elevado da Terra, atrairei todos a Mim» (*Jo* 12, 32). Todos os homens são chamados a esta união com Cristo<sup>4</sup>.
- 543** *Todos os homens* são chamados a entrar no Reino. Anunciado primeiro aos filhos de Israel<sup>5</sup>, este Reino messiânico é destinado a acolher os homens de todas as nações<sup>6</sup>. Para lhe ter acesso, é preciso acolher a Palavra de Jesus:  
«A Palavra do Senhor compara-se à semente lançada ao campo: aqueles que a ouvem com fé e entram a fazer parte do pequeno rebanho de Cristo, já receberam o Reino; depois, por força própria, a semente germina e cresce até ao tempo da messe»<sup>7</sup>.
- 544** O Reino é dos *pobres e pequenos*, quer dizer, dos que o acolheram com um coração humilde. Jesus foi enviado para «trazer a Boa-Nova aos pobres» (*Lc* 4, 18)<sup>8</sup>. Declara-os bem-aventurados, porque «é deles o Reino dos céus» (*Mt* 5, 3). Foi aos «pequenos» que o Pai se dignou revelar o que continua oculto aos sábios e inteligentes<sup>9</sup>. Jesus partilha a vida dos pobres, desde o presépio até à cruz: sabe o que é sofrer a fome<sup>10</sup>, a sede<sup>11</sup> e a indigência<sup>12</sup>. Mais ainda: identifica-se com

<sup>1</sup> II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 3: AAS 57 (1965) 6.

<sup>2</sup> II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 2: AAS 57 (1965) 5-6.

<sup>3</sup> II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 5: AAS 57 (1965) 8.

<sup>4</sup> Cf. II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 3: AAS 57 (1965) 6.

<sup>5</sup> Cf. *Mt* 10, 5-7.

<sup>6</sup> Cf. *Mt* 8, 11; 28, 19.

<sup>7</sup> II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 5: AAS 57 (1965) 7.

<sup>8</sup> Cf. *Lc* 7, 22.

<sup>9</sup> Cf. *Mt* 11, 25.

<sup>10</sup> Cf. *Mc* 2, 23-26; *Mt* 21, 18.

<sup>11</sup> Cf. *Jo* 4, 6-7; 19, 28.

<sup>12</sup> Cf. *Lc* 9, 58.

os pobres de toda a espécie, e faz do amor activo para com eles a condição da entrada no seu Reino<sup>13</sup>.

- 545** Jesus convida os *pecadores* para a mesa do Reino: «Eu não vim chamar os justos, mas os pecadores» (*Mc* 2, 17)<sup>14</sup>. Convida-os à conversão sem a qual não se pode entrar no Reino, mas por palavras e actos, mostra-lhes a misericórdia sem limites do Seu Pai para com eles<sup>15</sup> e a imensa «alegria que haverá no céu, por um só pecador que se arrependa» (*Lc* 15, 7). A prova suprema deste amor será o sacrifício da sua própria vida, «pela remissão dos pecados» (*Mt* 26, 28).
- 546** Jesus chama para entrar no Reino, por meio de *parábolas*, traço característico do seu ensino<sup>16</sup>. Por meio delas, convida para o banquete do Reino<sup>17</sup>, mas exige também uma opção radical: para adquirir o Reino é preciso dar tudo<sup>18</sup>. As palavras não bastam, exigem-se actos<sup>19</sup>. As parábolas são, para o homem, uma espécie de espelho: como é que ele recebe a Palavra? Como chão duro, ou como terra boa?<sup>20</sup> Que faz ele dos talentos recebidos?<sup>21</sup> Jesus e a presença do Reino neste mundo estão secretamente no coração das parábolas. É preciso entrar no Reino, quer dizer, tornar-se discípulo de Cristo, para «conhecer os mistérios do Reino dos céus» (*Mt* 13, 11). Para os que ficam «fora» (*Mc* 4, 11), tudo permanece enigmático<sup>22</sup>.

#### **CIC 787, 858-859: os Apóstolos são associados à missão de Cristo**

- 787** Desde o princípio, Jesus associou os discípulos à sua vida<sup>23</sup>. Revelou-lhes o mistério do Reino<sup>24</sup>; deu-lhes parte na sua missão, na sua alegria<sup>25</sup> e nos seus sofrimentos<sup>26</sup>. Jesus fala duma comunhão ainda mais íntima entre Ele e os que O seguem: «Permanecei em Mim, como Eu em vós [...]. Eu sou a cepa, vós os ramos» (*Jo* 15, 4-5). E anuncia uma comunhão misteriosa e real entre o seu próprio Corpo e o nosso: «Quem come a minha Carne e bebe o meu Sangue permanece em Mim e Eu nele» (*Jo* 6, 56).
- 858** Jesus é o enviado do Pai. Desde o princípio do seu ministério, «chamou para junto de Si os que Lhe aprouve e deles estabeleceu Doze, para andarem consigo e para os enviar a pregar» (*Mc* 3, 13-14). A partir de então, eles serão os seus «enviados» (é o que significa a palavra grega *apostoloi*). Neles, Jesus continua a sua própria missão: «Tal como o Pai Me enviou, assim Eu vos envio a vós» (*Jo*

<sup>13</sup> Cf. *Mt* 25, 31-46.

<sup>14</sup> Cf. *1 Tm* 1, 15.

<sup>15</sup> Cf. *Lc* 15, 11-32.

<sup>16</sup> Cf. *Mc* 4, 33-34.

<sup>17</sup> Cf. *Mt* 22, 1-14.

<sup>18</sup> Cf. *Mt* 13, 44-45.

<sup>19</sup> Cf. *Mt* 21, 28-32.

<sup>20</sup> Cf. *Mt* 13, 3-9.

<sup>21</sup> Cf. *Mt* 25, 14-30.

<sup>22</sup> Cf. *Mt* 13, 10-15.

<sup>23</sup> Cf. *Mc* 1, 16-20; 3, 13-19.

<sup>24</sup> Cf. *Mt* 13, 10-17.

<sup>25</sup> Cf. *Lc* 10, 17-20.

<sup>26</sup> Cf. *Lc* 22, 28-30.

20, 21)<sup>27</sup>. O seu ministério é, pois, a continuação da própria missão de Jesus: «Quem vos acolhe, acolhe-Me a Mim», disse Ele aos Doze (*Mt* 10, 40)<sup>28</sup>.

**859** Jesus uniu-os à missão que Ele próprio recebera do Pai: «assim como o Filho não pode fazer nada por Si mesmo» (*Jo* 5, 19.30), mas tudo recebe do Pai que O enviou, assim também aqueles que Jesus envia nada podem fazer sem Ele<sup>29</sup>; d’Ele recebem o mandato da missão e o poder de o cumprir. Os apóstolos de Cristo sabem, portanto, que são qualificados por Deus como «ministros de uma Aliança nova» (*2 Cor* 3, 6), «ministros de Deus» (*2 Cor* 6, 4), «embaixadores de Cristo» (*2 Cor* 5, 20), «servidores de Cristo e administradores dos mistérios de Deus» (*1 Cor* 4, 1).

### **CIC 2122: “O trabalhador merece o seu sustento”**

**2122** «Além das ofertas determinadas pela autoridade competente, o ministro nada peça pela administração dos sacramentos, e tenha o cuidado de que os pobres, em razão da pobreza, não se vejam privados do auxílio dos sacramentos»<sup>30</sup>. A autoridade competente fixa essas «oblações» em virtude do princípio segundo o qual o povo cristão tem o dever de contribuir para o sustento dos ministros da Igreja. «O trabalhador merece o seu sustento» (*Mt* 10, 10)<sup>31</sup>.

### **CIC 2816-2821: “Venha a nós o vosso Reino”**

**2816** No Novo Testamento, a mesma palavra «*basileia*» pode traduzir-se por realza (nome abstracto), reino (nome concreto) ou reinado (nome de acção). O Reino de Deus está diante de nós. Aproximou-se no Verbo encarnado, foi anunciado através de todo o Evangelho, veio na morte e ressurreição de Cristo. O Reino de Deus vem desde a santa ceia e, na Eucaristia, está no meio de nós. O Reino virá na glória, quando Cristo o entregar a seu Pai:

«É mesmo possível [...] que o Reino de Deus signifique o próprio Cristo, a Quem todos os dias desejamos que venha e cuja Vinda queremos que aconteça depressa. Do mesmo modo que Ele é a nossa ressurreição, pois n’Ele ressuscitamos, assim também pode ser Ele próprio o Reino de Deus, porque n’Ele reinaremos»<sup>32</sup>.

**2817** Esta petição é o «Marana Tha», o clamor do Espírito e da esposa: «Vem, Senhor Jesus!»:

«Mesmo que esta oração não nos tivesse imposto o dever de pedir a vinda deste Reino, teríamos espontaneamente soltado este grito, com pressa de irmos abraçar o objecto das nossas esperanças. As almas dos mártires, sob o altar de Deus, invocam o Senhor com grandes gritos: “Até quando, Senhor, até quando tardarás em pedir contas do nosso

<sup>27</sup> Cf. *1 Jo* 13, 20; 17, 18.

<sup>28</sup> Cf. *Lc* 10, 16.

<sup>29</sup> Cf. *Jo* 15, 5.

<sup>30</sup> CIC cân 848.

<sup>31</sup> Cf. *Lc* 10, 7; *1 Cor* 9, 4-18; *1 Tm* 5, 17-18.

<sup>32</sup> SÃO CIPRIANO DE CARTAGO, *De dominica oratione*, 13: CCL 3A, 97 (PL 4, 545).

sangue aos habitantes da terra?” (*Ap* 6, 10). Eles devem, com efeito, alcançar justiça, no fim dos tempos. Apressa, portanto, Senhor, a vinda do Teu Reino!»<sup>33</sup>.

**2818** Na oração do Senhor, trata-se principalmente da vinda final do Reino de Deus pelo regresso de Cristo<sup>34</sup>. Mas este desejo não distrai a Igreja da sua missão neste mundo, antes a empenha nela. Porque, desde o Pentecostes, a vinda do Reino é obra do Espírito do Senhor, «para continuar a sua obra no mundo e consumir toda a santificação»<sup>35</sup>.

**2819** «O Reino de Deus é justiça, paz e alegria no Espírito Santo» (*Rm* 14, 17). Os últimos tempos em que nos encontramos são os da efusão do Espírito Santo. Trava-se desde então um combate decisivo entre «a carne» e o Espírito<sup>36</sup>:

«Só um coração puro pode dizer com confiança: “Venha a nós o vosso Reino”. É preciso ter passado pela escola de Paulo para dizer: “Que o pecado deixe de reinar no vosso corpo mortal” (*Rm* 6, 12). Quem se conserva puro nos seus actos, pensamentos e palavras é que pode dizer a Deus: “Venha a nós o vosso Reino!”»<sup>37</sup>.

**2820** Discernindo segundo o Espírito, os cristãos devem distinguir entre o crescimento do Reino de Deus e o progresso da cultura e da sociedade em que estão inseridos. Esta distinção não é uma separação. A vocação do homem para a vida eterna não suprime, antes reforça, o seu dever de aplicar as energias e os meios recebidos do Criador no serviço da justiça e da paz neste mundo<sup>38</sup>.

**2821** Esta petição é feita e atendida na oração de Jesus<sup>39</sup>, presente e eficaz na Eucaristia; ela produz o seu fruto na vida nova segundo as bem-aventuranças<sup>40</sup>.

### **CIC 555, 1816, 2015: o caminho para seguir Cristo passa através da cruz**

**1816** O discípulo de Cristo, não somente deve guardar a fé e viver dela, como ainda professá-la, dar firme testemunho dela e propagá-la: «Todos devem estar dispostos a confessar Cristo diante dos homens e a segui-Lo no caminho da cruz, no meio das perseguições que nunca faltam à Igreja»<sup>41</sup>. O serviço e testemunho da fé são requeridos para a salvação: «A todo aquele que me tiver reconhecido diante dos homens, também Eu o reconhecerei diante do meu Pai que está nos céus. Mas àquele que me tiver negado diante dos homens, também Eu o negarei diante do meu Pai que está nos céus» (*Mt* 10, 32-33).

<sup>33</sup> TERTULIANO, *De oratione*, 5, 2-4: CCL 1, 260 (PL 1, 1261-1262).

<sup>34</sup> Cf. *Tt* 2, 13.

<sup>35</sup> Cf. *Oração Eucarística IV*, 118: *Missale Romanum*, editio typica (Typis Polyglottis Vaticanis 1970), p. 468 [*Missal Romano*, Gráfica de Coimbra 1992, p. 539].

<sup>36</sup> Cf. *Gl* 5, 16-25.

<sup>37</sup> SÃO CIRILO DE JERUSALÉM, *Catecheses mystagogicae*, 5, 13: SC 126, 162 (PG 33, 1120).

<sup>38</sup> Cf. II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. past. *Gaudium et spes*, 22: AAS 58 (1966) 1042-1044; *Ibid.*, 32: AAS 58 (1966) 1057; *Ibid.*, 45: AAS 58 (1966) 1065-1066; PAULO VI, Ex. ap. *Evangelii nuntiandi*, 31: AAS 68 (1976) 26-27.

<sup>39</sup> Cf. *Jo* 17, 17-20.

<sup>40</sup> Cf. *Mt* 5, 13-16; 6, 24; 7, 12-13.

<sup>41</sup> II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 42: AAS 57 (1965) 48; cf. *Id.*, Decl. *Dignitatis humanae*, 14: AAS 58 (1966) 940.

555 Por um momento, Jesus mostra a sua glória divina, confirmando assim a confissão de Pedro. Mostra também que, para «entrar na sua glória» (Lc 24, 26), tem de passar pela cruz em Jerusalém. Moisés e Elias tinham visto a glória de Deus sobre a montanha; a Lei e os Profetas tinham anunciado os sofrimentos do Messias<sup>42</sup>. A paixão de Jesus é da vontade do Pai: o Filho age como Servo de Deus<sup>43</sup>. A nuvem indica a presença do Espírito Santo: «*Tota Trinitas apparuit: Pater in voce; Filius in homine; Spiritus in nube clara* – Apareceu toda a Trindade: o Pai na voz; o Filho na humanidade; o Espírito Santo na nuvem luminosa»<sup>44</sup>:

«Transfiguraste-Te sobre a montanha e, na medida em que disso eram capazes, os teus discípulos contemplaram a tua glória, ó Cristo Deus; para que, quando Te vissem crucificado, compreendessem que a tua paixão era voluntária, e anunciassem ao mundo que Tu és verdadeiramente a irradiação do Pai»<sup>45</sup>.

2015 O caminho desta perfeição passa pela cruz. Não há santidade sem renúncia e combate espiritual<sup>46</sup>. O progresso espiritual implica a ascese e a mortificação, que conduzem gradualmente a viver na paz e na alegria das bem-aventuranças:

«Aquele que sobe, nunca mais pára de ir de princípio em princípio, por princípios que não têm fim. Aquele que sobe nunca mais deixa de desejar aquilo que já conhece»<sup>47</sup>.

<sup>42</sup> Cf. Lc 24, 27.

<sup>43</sup> Cf. Is 42, 1.

<sup>44</sup> SÃO TOMÁS DE AQUINO, *Summa theologiae*, 3, q. 45, a. 4, ad 2: Ed. Leon. 11, 433.

<sup>45</sup> *Liturgia bizantina, Kontakion* na Festa da Transfiguração: «*Ménaia tou hólou eniautoû*», v. 6 (Romae 1901) p. 341.

<sup>46</sup> Cf. 2 Tm 4.

<sup>47</sup> SÃO GREGÓRIO DE NISSA, *In Canticum* homilia 8: *Gregorii Nysseni opera*, ed. W. JAEGER – H. LANGERBECK, v. 6 (Leiden 1960) p. 247 (PG 44, 941).